

**TOQUE COMO PROVOCAÇÃO SENSORIAL PARA O CURRÍCULO**  
TOUCH AS SENSE PROVOCATION TO CURRICULUM  
EL TACTO COMO PROVOCACIÓN SENSORIAL PARA EL CURRÍCULO

Viviane Viana de Souza<sup>1</sup> 0000-0002-6542-9057

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;  
vivi.vianasouza@cp2.g12.br

**RESUMO:**

Nesta resenha, apresento o livro “Políticas do Toque: sentidos, movimento e soberania” da filósofa e artista canadense Erin Manning, que articulando filosofia, arte e política propõe o toque como acontecimento sensorial e afetivo que desestabiliza ideias tradicionais de soberania, identidade e corpo. A autora desloca o pensamento ontológico sobre um corpo que “é”, com propriedades próprias e limites definidos, ao perseguir a provocação do que “pode” um corpo, inscrevendo-o em um campo relacional que permite pensá-lo como algo que só se cria na relação com o outro e com o mundo. Ao colocar o movimento como central, a autora convoca a imprevisibilidade, a improvisação e a invenção para pensar as relações, a política e marcações materiais como gênero, raça e sexo para além de definições fixas, normativas soberanas do Estado. Provocações pós-humanistas instigantes para também pensar um currículo sempre em movimento, não dado de antemão e comprometido em inventar possibilidades como alternativas a um ethos neoliberal.

**Palavras-chave:** corpo; movimento; filosofia; arte; currículo.

**ABSTRACT:**

In this review, I present the book “Politics of touch: sense, movement and sovereignty”, from the Canadian philosopher and artist Erin Mannin, who, by articulating philosophy, art and politics poses touch as a sensorial and affective event that destabilizes traditional ideas of sovereignty, identity, and the body. The author displaces ontological thought about a body that simply “is,” with its own properties and defined boundaries, by pursuing the provocation of what a body “can do”, inscribing it within a relational field that allows us to think of it as something that only comes into being in relation with the other and with the world. By placing movement at the center, Manning invokes unpredictability, improvisation, and invention to rethink relations, politics, and material inscriptions such as gender, race, and sex beyond the normative sovereign fixed definitions of the State. These are stimulating posthumanist provocations that also invite us to think of curriculum as always in movement, not predetermined in advance, and committed to inventing possibilities as alternatives to a neoliberal ethos.

**Keywords:** body; movement; philosophy; art; curriculum.

**RESUMEN:**

En esta reseña, presento el libro “Políticas del tacto: sentidos, movimiento y soberanía” de la filósofa y artista canadiense Erin Manning, quien, articulando filosofía, arte y política, propone el tacto como un acontecimiento sensorial y afectivo que desestabiliza las ideas tradicionales de soberanía, identidad y cuerpo. La autora desplaza el pensamiento ontológico sobre un cuerpo

que “es”, con propiedades propias y límites definidos, al interrogar qué puede un cuerpo, inscribiéndolo en un campo relacional que permite pensarlo como algo que solo se constituye en relación con el otro y con el mundo. Al situar el movimiento como eje central, la autora convoca la imprevisibilidad, la improvisación y la invención para repensar las relaciones, la política y las inscripciones materiales como género, raza y sexo, más allá de las definiciones fijadas y normativas soberanas del Estado. Se trata de provocaciones poshumanistas sugerentes para pensar también un currículo siempre en movimiento, no dado de antemano y comprometido con la invención de posibilidades como alternativas a un ethos neoliberal.

**Palabras clave:** cuerpo; movimiento; filosofía; arte; currículo.

MANNING, Erin. **Políticas do toque:** sentidos, movimento e soberania; tradução Bianca Scliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.

Chamando a estética e a política para dançar, Erin Manning escreve “Políticas do Toque: sentidos, movimento e soberania” como provocação filosófica que convoca os sentidos e o movimento como centrais, uma invenção “ontogenética” que inscreve o corpo relacional como potência para uma mundificação outra. Publicado originalmente em 2006, pela *University of Minnesota Press*, o livro foi traduzido por Bianca Scliar, professora do Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que também escreve o prefácio da versão brasileira, inaugurando os escritos da autora em nossa língua. Erin Manning é filósofa, pesquisadora, artista e professora de filosofia e cinema na *Concordia University*, em Montreal, Canadá. Está à frente do *SenseLab*, laboratório de pesquisa e criação artística que atua nos entrelaçamentos entre filosofia, arte e ativismo.

Com uma escrita criativa e espiralada, que cria fissuras como abertura para possibilidades em vez de definições fechadas para os temas que aborda, Manning (2023) propõe uma filosofia dos sentidos que se distancia da fenomenologia sobre a qual muitas teorizações da arte têm se debruçado nos últimos anos. Para Manning (2023), os sentidos, todos eles, para além da supremacia da visão na herança cartesiana ou da obviedade da pele como única zona de contato, evocam essa relacionalidade corporificada que expande as possibilidades do que é se relacionar. É através do toque, não como contato físico, mas como movimento de inclinação a que emergimos com e através desse outro e criamos mundo, ou seja, mundificamos, em uma criação política sempre por vir. Ao longo da introdução e de seis ensaios, Manning (2023) nos convida a pensar o corpo como potência, afastado e desprendido de ideias essencialistas ou naturalistas. O corpo é sempre movência, é verbo que está sempre em movimento e transformação, desfaz a noção de estabilidade e se apoia “na suposição original de que não existe corpo que não seja relacional” (Manning, 2023, p. 22). Desse modo, o corpo é borrado

em suas próprias definições ontológicas, ela perturba o corpo, mas, antes de *ser* algo, ele é processo contínuo que não se enquadra e não se domestica, é “ontogenético”, neologismo que o posiciona sempre em gênese.

Movendo-se através do tango, da poesia, do cinema e em conversa com autores como Alfred Whitehead, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Brian Massumi, Judith Butler, Gilbert Simondon entre tantos e tantas outras, Manning vai construindo um texto em camadas, em um movimento rítmico, tátil e improvisado, como o próprio tango. Nesse movimento, vai tecendo conceituações acerca do corpo, da política, do Estado, sempre apontando para a estreita relação entre eles. No entanto, seu texto se recusa a assegurar a possibilidade de definição desses temas; antes, emergem como perturbação de suas próprias significações estáticas (e estatizantes) a que estamos acostumadas; a exemplaridade do Estado, com letra capitular, que funciona mais como a imagem difusa de um sujeito soberano fechado em si, autocentrado, preocupado em preservar fronteiras e exercer domínio, do que como referência a um governo ou figura de autoridade específica. Em “Políticas do Toque”, as definições não interessam; os conceitos se movem ao colocar o pensamento em relação, e o toque condensa a importância da relacionalidade e interdependência: não existe corpo sem toque, assim como não existe Estado sem corpos e política sem o movimento de inclinar-se a; o toque é, em si, um gesto político; não é fechamento, mas reabertura contínua.

Manning explora como a dança e a performance tornam visível essa dimensão relacional, pois, no gesto coreográfico, o toque se multiplica como variação contínua. No toque, a sensação não é mero efeito, mas cocriação do movimento; corpo e mundo se constituem juntos nessa dinâmica. Assim, não existe dentro e fora da relação, que acontece no entremeio, no espaçamento entre dois corpos que dançam pelo salão, e mundificam o mundo com movimento e improvisação, entre espaços e tempos criados pelos corpos. A mundificação como acontecimento no momento mesmo do toque, embaralha noções dadas de temporalidade linear, de causa e efeito, e uma relação que pressupõe a existência de dois indivíduos separados que se tocam, em vez disso pensa corpos que produzem espaço-tempo, e também são tocados pelo mundo.

Sendo essa mundificação uma dança complexa, Manning (2023) não deixa de apontar, contudo, que mover-se produz afetos, nem sempre positivos, e envolve também negociação e ambiguidade. Há sempre um risco inescapável e inevitável no encontro em que fazemos política. Decidir mover-se, escolher tocar envolve uma violência, mas não escolher é permanecer passivo e deixar ser governado; estar parado mata a possibilidade de invenção. É

na imprevisibilidade da resposta ao toque que nos movemos e navegamos, sentimos e tateamos, apostamos em recuar, avançar ou sobrepor. Movemo-nos no e com o mundo e seus riscos, sensualidades e sentires, em um processo de eterna negociação, nunca acabada.

Por enunciar a relacionalidade como gênese de margeamentos sempre em movência, a leitura de “Políticas do Toque” nos convida a pensar um currículo com e através do outro, sempre em movimento, como acontecimento que emerge da movência e não é passível de ser calculado, dado de antemão. É nesse sentido que a obra de Manning (2023) abre espaço para pensar um currículo como invenção, mundificado a partir da política do toque, que combate o impulso do vocabulário humanista que deseja controlar e definir conteúdos, conhecimento e corpos que *são*. Um currículo que se cria no sensório move-se na direção contrária à repetição, à replicação e ao controle da movência que enclausuram sua potencialidade, que reside no movimento, despolitizando-o. Dito de outro modo, junto a “Políticas do Toque” é possível repensar o currículo fora da estabilidade imaginada, produzida com testagens, índices de qualidade e padronizações, desenhando linhas de fuga frente às políticas neoliberais na educação.

Uma filosofia dos sentidos que olha a experiência através da arte e do sensório, expande a ideia de experiência como percepção do mundo pelos sentidos como verdade ou realidade. Em “Políticas” a experiência não passa pela significação, o toque é expressivo, um alcançar para além das palavras; expressar é falar-com. O toque aciona o sensório, em que cheiros, sons e gostos cocriam um corpo expandido em rede para além de seus limites biológicos. Manning (2023) nos faz pensar nos sentidos como próteses, como suplemento do corpo, inscrevendo, assim novas formas de pensar a humanidade com limites dissolvidos.

A dança da filosofia com a arte e a política, inventa novas formas de conhecimento através do toque que podem não ser reconhecidas nos enquadramentos normativos de como o conhecimento deveria parecer, inclusive no campo do currículo. Mas é precisamente aí que a leitura de “Políticas” se mostra potente: na criação de vocabulários, ritmos e rachaduras como possibilidades, justamente ao “direcionar nosso pensamento para o movimento, em direção a uma postura relacional que torna impossível precisar o conhecimento, mas que nos convoca a inventar” (Manning, 2023, p. 19). Pensar a partir justamente *das* fronteiras disciplinares, que se tocam, se superpõem e dançam juntas nos permite repensar também as distinções entre teoria e prática, mente e corpo, eu e o mundo.

Ao articular uma política do dissenso, em uma negociação contínua que entende o consenso como fechamento normativo, o movimento privilegia o inesperado na escola, sem a

predeterminação do espaço que eu e você ocupamos, o que não deixa espaço para a criação. A partir de Manning (2023), o político é muitas coisas, mas sempre esse encontro com o outro, e ao pensar a escola e seu potencial imprevisível do encontro, é possível colocar em suspensão o processo de ensino-aprendizagem como uma relação temporal linear de causa e efeito, repensar prescrições curriculares e o que pensamos como o futuro da escola, deslocando inclusive o desejo normativo de uma educação “para todos”, como se já estivessem determinados quem são esses “todos”. O aberrante, o abjeto, o de fora, o refugiado, nenhum deles pode existir no consenso social. No entanto, corpos insistem no risco de fazer política, no risco de tocar, e seguem resistindo ao imaginário do que um corpo é, mobilizando o que o corpo pode. Corpos desviantes enfatizam a porosidade de sua mobilidade e movência de seus margeamentos.

Já que “imaginar uma política do toque que exceda uma governamentalidade centralizada no Estado requer um vocabulário que subverta a linguagem do Estado” (Manning, 2023, p. 38), o vocabulário inventivo de Erin Manning em “Políticas do Toque” não nos dá definições, mas opera continuamente nas “brechas táteis da diferença” (Manning, 2023, p. 103) e inclina-se a nós como provocação sensorial. Na abertura da indeterminação e indecibilidade derridiana, e no próprio entendimento do que é a relação, o livro traz à tona rastros das próprias (im)possibilidades para pensar o corpo, a política, os sentidos, o humano e, por que não, o currículo. Com “Políticas” podemos inventar um currículo que movimentado pela filosofia dos sentidos, emerge no toque com e através do outro: uma conversa infinita, ambígua (e complicada), que não admite o enclausuramento de ideias como as de escola, conhecimento, sujeito e futuro. Em um currículo mundificado, corpos criam espaço e abertura para expandir a noção de materialidade, significação e linguagem, que não designa, define ou representa, mas expressa e sente. Assim, “Políticas do Toque” deixa texturas, rastros que deslocam certezas e conceitos e seguem nos afetando mesmo após sua leitura, como a tontura que permanece após girar rapidamente pelo salão ao dançar. “Políticas do Toque”, como Erin Manning adverte, mas só ao final em uma temporalidade do não-ainda, é para ler com o corpo.

### Referências

MANNING, Erin. **Políticas do toque**: sentidos, movimento e soberania. Tradução: Bianca Sliar Cabral. São Paulo: GLAC edições, 2023.

### SOBRE A AUTORA

**Viviane Viana de Souza**. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Colégio Pedro II. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3885075080225050>

**Como citar**

SOUZA, Viviane Viana de. Toque como provocação sensória para o currículo. **Revista Espaço Currículo**, v. 18, n. 3, e76147, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i3.76147.